



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
CURSO DE HISTÓRIA

**(RE)PENSANDO A IDENTIDADE HOMOSSEXUAL NA
EDUCAÇÃO NO 1º E 2º GRAU.**

Ana Néri Ramos de Lima

Mat: 20023003

Campina Grande - PB

2006

Ana Néri Ramos de Lima

**(RE)PENSANDO A IDENTIDADE HOMOSSEXUAL NA
EDUCAÇÃO NO 1º E 2º GRAU.**

Monografia apresentada à
Universidade Federal de Campina
Grande – UFCG. Centro de
Humanidade – CH. Curso de
História sob a orientação da
Professora Eronides Câmara Donato.

Campina Grande - PB

2006

FOLHA DE APROVAÇÃO

**Monografia sob o título : (RE)PENSANDO A
IDENTIDADE HOMOSSEXUAL NA EDUCAÇÃO NO 1º E
2º GRAU.**

elaborada pela aluna Ana Néri Ramos de Lima , submetida à coordenação do Curso História , Centro Humanidades – CH da Universidade federal de Campina Grande como requisito parcial para a obtenção de Grau de Licenciatura , fazendo parte de banca julgadora os professores abaixo relacionados :

ORIENTADOR: Eronides Cârama Donato (Mestra)

1 ° EXAMINADOR : Silêde Leila (Mestra)

2 ° EXAMINADOR : Iranilson Burity (Doutor)

APROVADA :

Campina Grande, de Maio de 2006.



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

A diferença

Liberdade concedida

Não me interessa

E eu não tenho pressa pra conferir

Nessa altura

Do campeonato

Não vou mais sair no braço

Pra ninguém me engolir

Quem perde é quem prega

Quem precisa

É quem nega o desconhecido

Exceção à regra

Que confunde e cega

Os pobres donos do mundo

A diferença tá na crença

De quem pensa que pensa

E apenas alimenta

Meias verdades

Meias atitudes

Meias bondades

Nada disso me interessa

E eu não tenho pressa para conferir

Zélia Duncan

Dedico esse trabalho a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu maior agradecimento, com toda honra e toda glória que com sua eterna fidelidade me apoiou nos momentos mais difíceis e com seu infinito amor, capacitou-me para que eu pudesse chegar ao final. Serei grata para sempre a este mestre dos mestres.

A minha mãe, com gratidão e amor, agradeço-a pelos esforços a mim concebidos e amigos que num momento tão difícil, puderam dar-me apoio.

Ao meu namorado, pelo incentivo, por todo empenho dedicado a mim e pelo cuidado nas horas mais difíceis.

A minha orientadora, que confiou e acreditou na idéia deste trabalho. Que sempre esteve disposta a orientar, corrigir, bem como ter paciência. Agradeço-a de todo coração.

“Toda cultura se institui pela imposição unilateral de alguma política da língua. A dominação, é sabido, começa pelo poder de nomear, de impor e de legitimar os apelativos”.

(Jacques Derrida)

“O fracasso nunca me alcançará por que a minha vontade de vencer é suficientemente maior”.

(AUTOR DESCONHECIDO)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11-14
1.0 CONSTRUÇÃO E SUBJETIVAÇÃO DE IDENTIDADES.....	15
1.1 NOÇÕES BASICAS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE.....	15-22
1.2 O PODER DO DISCURSO NA CRISTALIZAÇÃO DO OUTRO.....	23-26
1.3 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL.....	27-32
2.0 OS DISCURSOS DOS ALUNOS E PROFESSORES SOBRE HOMOSSEXUALIDADE.....	33-38
2.1 ANÁLISE DOS DISCURSOS NAS ESCOLAS.....	39-53
3.0 DEBATENDO A HOMOSSEXUALIDADE NO ÂMBITO EDUCACIONAL	54
3.1 (RE) PENSANDO A HOMOSSEXUALIDADE.....	54-56
3.2 ARTICULANDO A HOMOSSEXUALIDADE COM A EDUCAÇÃO.....	57-60
CONCLUSÃO.....	61-63
REFERÊNCIAS.....	64-65

INTRODUÇÃO

“Do ponto de vista do prazer físico, estamos livres para nos relacionarmos com todas as criaturas do planeta, ligando-nos mais ao que individualmente significam para nós do que à sua classificação específica de gênero (...) claro que não preciso dizer que se caminharos para uma visão mais justa da vida será tranqüilo o direito de amar outra mulher. Entretanto o desprezo generalizado pelos contatos homossexuais vem de longe...”
(HITE, 1983: 286) ¹.

¹ HITE, Shere. *O relatório hite*. 15ª Edição. São Paulo : Difusão , 1983.

Falar sobre homossexualidade² é um desafio, já que durante muito tempo esse assunto foi e ainda é visto como um objeto tabu. A tradição cristã naturalizou a imagem de aberração e pecado a esse tipo de relação, no entanto a homossexualidade é um fenômeno social existente na face da terra desde as sociedades primitivas.

A homossexualidade foi sendo construída através de discursos manipuladores pelos poderes e que teve a sua existência pelas diversas culturas circulantes no mundo, a forma que foi interpretada, admitida e explicada é que se modifica, contudo, podemos afirmar que nenhuma sociedade tem o direito de ignorá-la.

Na verdade, embora a homossexualidade ainda continue sendo tratada como um comportamento desviante das normas de conduta de uma sociedade, é interessante afirmar que o homossexualismo é uma prática, uma atitude, que se tornou uma fonte rica de estudos antropológicos, sociais e psicológicos.

Atualmente, embora a passos pequenos, as sociedades estão se preocupando mais em debater acerca do homossexualismo, tentando fazer com que as pessoas possam respeitar o espaço do "outro". Nunca a questão da homossexualidade foi tão abordada, não apenas no meio acadêmico, mas na literatura, nos filmes, em propagandas; novos ambientes são criados para atender esse público, como motéis, boates e até cursinhos, no entanto, a separação entre os mundos homossexual e heterossexual resultou no

² Uso este termo como uma forma de melhorar o entendimento do texto, mas é bom ficar claro que este conceito é "puramente" da Modernidade. Os historiadores da ciência afirmam que a homossexualidade é uma invenção recente, um termo que busca dar um nome pseudo-científico para uma forma de amor socialmente perseguida de forma sistemática a partir de fins do século XIX.

desenvolvimento de uma subcultura que veio influenciar na identidade dos homossexuais.

Ao longo da história da humanidade, em decorrência das mudanças que as sociedades passaram a forma de tratar a homossexualidade vem se modificando secularmente, ainda é muito comum observar um preconceito mascarado devido, muitas vezes, aos conceitos que subjetivamos das instituições que contribuem para a formação desse convencionalismo e que está mais presente em países em que imperam credices baseadas em fundamentos religiosos. Mas estamos lidando com pessoas em que buscam um espaço nas sociedades que são deles por direito. Esse sim é um verdadeiro avanço.

Hoje em dia podemos observar uma leve mudança de atitude das pessoas ao decidirem revelar sua homossexualidade, mesmo sabendo que o assunto ainda é polêmico e não aceito por uma grande parcela da sociedade.

Podemos perceber que a homossexualidade vem sendo abordada de forma mais intensa nos últimos anos e acredito que os homossexuais estão conseguindo perceber que a convivência numa sociedade é muito mais do que uma relação de poderes, lideradas por aqueles que se acham superior.

Atualmente, muitos homossexuais aceitam desnudar sua vida, para que a sociedade tão repressora, passe lentamente a incorporar a homossexualidade como uma preferência sexual, e não uma doença e uma aberração, afinal, o "Conselho Mundial da Saúde", deixou de considerar a homossexualidade como doença há muito tempo. Apesar das explicações a respeito das causas da homossexualidade serem vastos, acreditamos que

essa forma de sexualidade não é resultado de fatores biológicos, e sim de causas psicológicas e socioculturais.

O homossexual obtém a passos lentos o seu espaço, hoje estes são mais conscientes dos seus anseios e direitos, pois os poderes de coerção de antigos valores morais são mais frágeis. Ao romper a barreira do preconceito social e familiar, assumindo sua identidade homossexual, as pessoas estão se libertando de suas amarras e buscando encontrar seu lugar no mundo.

Podemos observar que a exteriorização do meio transexual, ocorre devido aos homossexuais estarem assumindo com mais frequência sua identidade, porém o assunto ainda causa polêmica e não é aceito com naturalidade por grande parte da sociedade. No entanto, se o assunto está sendo discutido e os homossexuais estão revelando suas experiências em livros, revistas, palestras e afins, podemos crer que aos poucos a sociedade poderá incorporar esses novos valores.

Através da minha pesquisa pretendo problematizar a abordagem do homossexualismo na educação, principalmente os valores que têm as crianças e os adolescentes. Essa pode contribuir para uma prática educativa em que o tema ajude a pensar não só a sexualidade, mas os valores culturais. Nossa intenção é desmascarar qualquer realidade que possa representar algum tabu, almejo contribuir para o esclarecimento da sociedade a respeito desse universo, buscando impedir preconceitos em relação a esses jovens, fazendo com que as pessoas antes de julgarem essa forma de sexualidade conheçam e compreendam esse comportamento.

I CAPÍTULO

1. CONTRUÇÃO E SUBJETIVAÇÃO DE IDENTIDADES.

1.1 NOÇÕES BÁSICAS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE

A palavra homossexualidade é formada de uma raiz grega (homos) que significa semelhante e de uma raiz latina (sexus), significando etimologicamente “sexualidade exercida com pessoa do mesmo sexo”. A palavra em si permite interpretações “erradas”, pois a homossexualidade não se refere apenas ao ato sexual entre pessoas do mesmo sexo, mas principalmente ao amor entre pessoas, que por um acaso são do mesmo sexo, e esse sentimento que as une, pode ou não ser concretizado sexualmente.

A homossexualidade é um fenômeno que existiu desde as origens da história humana e tem sido durante muito tempo considerado um assunto tabu. Foram os judeus e os cristãos que o transformaram em pecado mortal. A condenação bíblica e a tradição cristã revestiram-na de um caráter de abominação, dos quais sobrevivem conscientemente ou não vestígios dessa ideologia no imaginário humano até hoje.

Segundo o Velho e o Novo Testamento a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo era um pecado que deveria ser punido com a morte. Essa perseguição muito contribuiu para formação de uma hipocrisia em relação ao tema, e trouxe o homossexual uma pesada carga psicológica. Vimos em São Paulo uma passagem da Epístola dos Efésios que afirma que o assunto não deveria nem mesmo ser comentado: "Que estas coisas não sejam nem mesmo nomeadas entre vós". (DANIEL , 1973 : 10)³.

Encontramos várias teorias dentre as quais, Médica, Psicanalista, Sexológica, Psiquiátrica entre outras, as quais tentam explicar a causa da homossexualidade, algumas enfatizam fatores psicológicos baseados nas relações que as crianças desenvolvem com os pais, enquanto algumas teorias sociais atribuem ao meio à base da orientação sexual.

As muitas hipóteses referendadas pelas teorias biológicas reconhecem que a homossexualidade é causada pelo menos por um entre três tipos de fatores: biológicos, psicossociais ou convergentes.

Fatores biológicos seriam, por exemplo, um desequilíbrio da produção de hormônios, causado pelo funcionamento anormal de certas glândulas. Ou um erro no processo de desenvolvimento durante a vida intra-uterina.

³ DANIEL, Marc, BAUDRY, André. *Os homossexuais*. Rio de Janeiro : Artenova , 1973.

Fatores psicossociais seriam os resultantes da própria experiência de vida da pessoa, influências recebidas na infância e assim por diante. Duas importantes escolas da psicologia, o behaviorismo (principais expoentes, os americanos J. B. Watson e B. F. Skinner) e a psicanálise (criada pelo austríaco Sigmund Freud) explicam a homossexualidade em termo psicossociais.

Fatores convergentes seriam uma conjugação de fatores biológicos e psicossociais. Isto é, nas teorias convergentes a homossexualidade seria uma disposição inata, mas que pode manifestar-se, ou não, conforme influências recebidas pela pessoa ao longo da vida; sobretudo na infância, quando o indivíduo está mais exposto ao efeito delas.

A ascensão da burguesia ao poder, provocou uma reestruturação da sociedade e a organização da família teve um destaque importante, assim, as relações entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas pecado pela igreja e crime para a burguesia.

No entanto, a partir da II Guerra Mundial, as Teorias Biológicas passaram a sustentar que a homossexualidade não seria pecado, nem crime, mas uma doença possivelmente causada por um erro genético ou um desequilíbrio endócrino.

Entretanto da metade do século XX para cá, houve uma evolução nítida, os progressos da ciência e da psicanálise particularmente modificaram um pouco a imagem distorcida da homossexualidade.

Atualmente trabalhos sobre o tema multiplicam-se dentro da Psicologia, da Sociologia, assim como em várias áreas das ciências humanas. No entanto, estudos sobre a homossexualidade são relativamente recentes dentro do ramo das ciências humanas, pois inicialmente os estudiosos desse ramo acreditavam que a sexualidade não seria um dos objetos de importância dentro de seu campo de estudo, igualmente não pensavam como os psicólogos e psiquiatras que consideravam que os homossexuais deveriam ser curados, assim, as ciências humanas só se interessaram pela temática quando começaram a estudar essa forma de sexualidade com outros olhos, portanto passível de estudo.

A História da homossexualidade

Segundo Marc Daniel⁴ em "Os homossexuais", os primeiros relatos da homossexualidade aconteceram por volta da terceira dinastia egípcia, cerca de 2.500 anos a.C. em um papiro, para o autor esse relato foi "abafado", assim como escritos que mencionavam a homossexualidade na Mesopotâmia, Suméria e Assíria.

⁴ DANIEL, Marc, BAUDRY, André. *Os homossexuais*. Rio de Janeiro : Artenova , 1973.

Na Grécia antiga, houve uma floração de amores homossexuais, estes amores encontram-se presente na literatura, arte e filosofia. A mitologia grega é abundante em relatos de deuses e heróis homossexuais.

Com o cristianismo e a proibição da homossexualidade, esses relatos tornaram-se escassos e muitos escritos foram destruídos.

No século XIX (DANIEL, 1973)⁵, a homossexualidade era vista como uma aberração, uma patologia passível de cura, nesta época, os homossexuais eram casos isolados e mantidos em sigilo, a perseguição tornou-se fanática e a lei carolíngia prescreveu a pena de morte também para as mulheres que cometessem atos sexuais com outras mulheres.

No século XX, principalmente depois de 1960, com a eclosão de muitos movimentos sociais, inclusive de homossexuais na Europa e nos EUA, os homossexuais passaram a lutar por seus direitos, e reivindicaram que a homossexualidade fosse vista como uma opção sexual, não como uma doença.

Uma das primeiras teorias sobre a homossexualidade, está no livro "Banquete" de Platão, nesse livro Platão narra que havia no começo do mundo três tipos de humanos, o seres andróginos que eram o homem-mulher, o homem-homem e a mulher-mulher. Essas criaturas eram redondas e possuíam quatro braços, quatro pernas e dois rostos, por se sentirem completas, decidiram habitar o céu. Punidos por Zeus, foram separados com uma espada e fadados a procurarem por sua metade para que se sintam completos novamente:

⁵ DANIEL, Marc, BAUDRY, André. *Os homossexuais*. Rio de Janeiro : Artenova , 1973.

“... os que vieram dos andróginos, amam o sexo oposto, os que vieram dos homens e mulheres duplos, amam o mesmo sexo...”
(CHAUÍ, 1984: 16)⁶.

Existem os mais variados conceitos sobre a homossexualidade, estes foram se modificando ao longo dos tempos , assim como , a forma de interpretação destes homossexuais vai depender diretamente do meio que estes pertencem:

“Partiremos do pressuposto de que não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as idéias e práticas a elas associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades...” (DANIEL, 1973: 161)⁷.

O comportamento entre os sexos não pode ser explicado apenas em termos biológicos, mas antes são construídos socialmente. Assim, as práticas e as idéias tanto sobre a heterossexualidade como a homossexualidade modifica-se de acordo com a cultura e com o contexto que esta pertencem.

⁶ CHAUÍ , Marilena. *Repressão sexual – essa nossa desconhecida*. São Paulo : Brasiliense, 1984.

⁷ DANIEL, Marc, BAUDRY, André. *Os homossexuais*. Rio de Janeiro : Artenova , 1973.

Segundo Marc Daniel e André Baudry (1973)⁸ em “Os homossexuais”, a homossexualidade não pertence ao domínio da patologia, muito menos a delinquência, pois foram as condições de nossa sociedade ocidental que fizeram dessa forma de sexualidade um fenômeno marginalizado.

Muito dos escritos sobre a homossexualidade foram se perdendo ao longo dos tempos. Na Idade Média, por exemplo, era comum queimar os homossexuais na fogueira, assim, como os papéis dos processos, para que não ficasse nenhum vestígio do “abominável pecado”.

A primeira teoria científica sobre a homossexualidade veio de um médico, o Dr. J. Casper, um alemão que acreditava que as causas da homossexualidade eram congênitas e ocorriam por causa de uma tendência inata da pessoa.

As teorias que procuram explicar pelo contexto biológico seguem três vertentes: a hereditariedade, os defeitos congênitos e os desequilíbrios hormonais. Uma outra ainda diz respeito à má formação fetal. Estas teorias são frágeis, pois segundo os autores:

“... As teorias biológicas podem talvez um dia mostrar correlações entre cromossomos, hormônios e certos tipos de prazer sexual, mas nunca a identidade social do parceiro escolhido” (DANIEL, 1984: 70)⁹.

³ DANIEL, Marc, BAUDRY, André. *Os homossexuais*. Rio de Janeiro : Artenova , 1973.

⁹ DANIEL, Marc, BAUDRY, André. *Os homossexuais*. Rio de Janeiro : Artenova , 1973.

Uma outra teoria biológica ainda acreditava que a homossexualidade seria causada na etapa fetal do crescimento pela própria mãe, a partir de um desequilíbrio hormonal do feto a doença agiria no hipotálamo da criança, causando mais tarde sua homossexualidade.

Com o avanço da Medicina e das demais ciências humanas, os métodos citados acima foram abolidos, pois, há muito tempo, sabe-se que a homossexualidade, não é uma doença passível de cura, mas uma opção sexual.

1.2 O PODER DO DISCURSO NA CRISTALIZAÇÃO DO OUTRO.

“Eu não sou eu nem sou o outro, sou qualquer coisa de intermédio: pilar da ponte de tédio que vai de mim para o outro” (Mário de Sá Carneiro).

Tento compreender e lidar todos os dias com a situação de que vivemos numa sociedade dirigida por poderosas ordens discursivas que ditam as regras de condutas a serem seguidas. Constantemente as instituições vinculadas ao poder da linguagem constroem, reforçam e multiplicam enunciados propriamente seus. O poder da linguagem nos leva as subjetivações de identidades construídas historicamente e cristalizadas pelas instituições de poder. Um exemplo bem claro são os meios de comunicação funcionando como um lugar privilegiado de superposição de “verdades”, um lugar por excelência de produção, circulação e veiculação de enunciados de múltiplas fontes, sejam eles criados a partir de outras formações, sejam eles gerados nos próprios meios. Uma das características principais é que, nela,

esta intrinsecamente ligada o interesse de uma política de superioridade do “EU” e de inferioridade do “Outro”.

O mais interessante disso tudo, é que essas construções nos são passadas com tanta convicção, que acaba por “induzir” a sociedade a subjetivar os signos e seus significados, fazendo com que vivamos numa relação de poder binária do dominador e do dominado. Um exemplo bem próximo de nós é a própria cultura Ocidental que nos é passada como superior a Oriental. Os meios de comunicação, jornais falados, livros didáticos e até mesmo filmes vem em sua maioria mostrar que o Oriente não tem nada de bom a acrescentar o Ocidente. Embora muitos estudos venham tentando desconstruir essa imagem, ainda é muito presente esse tipo de (pré)conceito na nossa sociedade. Para Foucault:

“A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade; isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permite distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daquele que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.” (Foucault 2000:12) ¹⁰.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2000.

Pode-se dizer que, para Michel Foucault, o discurso ultrapassa a simples referência às “coisas”, existe para além da mera utilização de letras, palavras, imagens, sons e frases, e não pode ser entendido como mera “expressão” de algo: o discurso poderia ser definido como um conjunto de enunciados apoiados numa formação discursiva, ou seja, num sistema de relações que funciona como regra, prescrevendo o que deve ser dito numa determinada prática discursiva.

No que diz respeito ao sujeito dos discursos, Foucault propõe que, ao analisar um discurso – mesmo que o documento em questão seja a reprodução de um simples ato de fala individual –, não estamos diante da manifestação de *um* sujeito, e sim, nos defrontamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade, já que o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem. Ao contemplar essa tensão entre o *eu* e o *outro* dos discursos, amplia-se a compreensão do sujeito individual e invade-se o espaço mais amplo daquilo que o autor chamou a *dispersão do sujeito*.

Em poucas palavras: Foucault multiplica o sujeito. A pergunta “quem fala?”, por exemplo, desdobra-se em muitas outras: qual o *status* do enunciatador, qual sua competência, seu lugar institucional, suas relações com outros lugares de poder. “De onde fala?” é outro modo de multiplicar o sujeito, de descrever as diferentes “posições” daquele que fala. Assim, destrói-se a idéia de discurso como “expressão de algo”, tradução de alguma coisa que

estaria em outro lugar, talvez em um sujeito, algo que pré-existisse à própria palavra.

Quanto às relações entre poder e discurso, Michel Foucault escreve que o discurso é um “bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização; um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas ‘aplicações práticas’) a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política”¹¹ Ou seja, para o autor o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história. Como tal, pode-se dizer que não haveria *discursos*, propriamente, mas *possibilidades de discursos*, porque os enunciados são sempre históricos.

¹¹ FOUCAULT, Michael. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

1.3 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL.

“Porque é o nosso olhar que aprisiona muitas vezes os outros nas suas pertenças mais estreitas e é também o nosso olhar que tem o poder de os libertar.”

Amin Malouf (1998)

Não podemos estudar a construção da identidade homossexual sem entender as relações de gênero, pelo principal motivo que os homossexuais afirmam sentir-se sem relevo no meio social determinado pelo poder dos heterossexuais. Sem falar que nesse seio ainda é presente uma discriminação de gênero dentro do próprio mundo homossexual, onde se afirma a superioridade do sexo masculino que muitas vezes discrimina as do sexo feminino. Sendo assim percebe-se que mesmo “vítimas” de preconceitos, os homossexuais alimentam em seu meio social os valores de gênero construídos historicamente pela sociedade. Existe, portanto, relações de gênero dentro da homossexualidade. Os contatos com novos discursos lhe trouxeram uma clareza maior a respeito das desigualdades entre os sexos nas relações de gênero, este conceito é útil para explicar muito dos

comportamentos de mulheres e de homens dentro da nossa sociedade, sejam estas pessoas heterossexuais ou homossexuais.

Uma sociedade predominantemente heterossexual nos ajuda a compreender grande parte dos problemas e dificuldade que os homossexuais enfrentam no trabalho, na vida política, na vida sexual, assim como na família, já que as relações de poder constituíam e justificavam hierarquias, estabelecendo valores e naturalizando preconceitos.

Quando falamos de sexo, estamos nos referindo aos aspectos físicos, biológicos de macho e fêmea, as diferenças que estão nos corpos, já as relações de gênero referem-se às relações interpessoais do ser humano dentro de sua sociedade, essas relações produzem uma desigualdade de poder e prestígio entre as pessoas de acordo com o seu sexo, e por isso se diz que as relações de gênero são relações de poder, sendo constituídas a partir de diferenças sexuais, portanto não são naturais, são criações das sociedades.

A identidade de gênero inclui tudo o que se relaciona com o desenvolvimento psicológico e sexual, este julgamento vai se construindo ao longo da vida de cada pessoa, criado através de valores e normas que a sua comunidade apresenta.

Dessa forma os homossexuais vêm preocupando-se em destruir papéis sexuais tradicionais e as relações sexuais pautadas nas desigualdades de gêneros que durante muito tempo contribuiu para a obscuridade do mundo homossexual.

Essa busca de novos espaços numa sociedade regulada na diferença de gêneros contribuiu para que os homossexuais venham se revelando enquanto formadores dessa sociedade, pois durante muito tempo as ideologias oriundas das relações de gênero influenciaram para que os homossexuais tivessem dificuldades de revelar-se.

O processo pelo quais os homossexuais desenvolvem e mantêm sua identidade homossexual é de importância primordial a qualquer estudo sobre a homossexualidade, no entanto o “conceito” de identidade homossexual tem sido pouco abordado na literatura científica. Existe uma tendência a enxergar os homossexuais sob o mesmo prisma, como se a homossexualidade fosse algo estagnado, como se necessariamente todo homossexual masculino apresente traço afeminado, assim como a homossexual feminina seja máscula.

Não se pode simplificar e considerar a identidade homossexual como uma qualidade inerente ao indivíduo, mas, devemos entender essas identidades como socialmente construídas e mantidas através de um grande processo social.

Ao contrário do que muitos discursos defendem a homossexualidade não é comportamento apresentado desde criança, mas sim são desenvolvidos a partir do momento em que o indivíduo sente um sentimento de afeto por uma pessoa do mesmo sexo.

Os significados dados à sexualidade são socialmente organizados e produzidos por uma variedade de discursos que nos informam o que é sexo, o que ele deve ser e o que pode ser. Por consequência, a sexualidade a partir dos estudos foucaultianos, não tem nada de verdadeiro ou imutável: faz parte de uma invenção social para que conheçamos a nós mesmos, assim, ela não é essencial, nem natural.

O mundo infantil da sexualidade não passa de discursos elaborados pelos adultos que impõem formas de agir no meio social. O corpo da criança, sendo visto como portador de uma sexualidade “natural” e “perigosa”, deve ser reconduzido a padrões mais “aceitáveis” e com isso se instala uma prática voraz de vigilância dos comportamentos das crianças. Isso é muito presente nas instituições de poder que tentam eliminar comportamento “anormais” das crianças, ou seja, aqueles que “ferem” a moral e a ética da comunidade que o indivíduo está inserido.

A motivação sexual geralmente inicia-se pouco a pouco na pré-adolescência, quando a menina ou menino começam a sentir atração por suas amigas(os) ou por adultas(os). Este fenômeno é apenas um indicador, pois a agregação com o mesmo sexo é normal em certo período.

Geralmente durante a adolescência, muito dos homossexuais mantêm relações heterossexuais, e só no final da adolescência, sua homossexualidade costuma aparecer de forma mais clara. As práticas eróticas começam a se iniciar nesse período, com masturbações recíprocas, o adolescente com menos experiência apresenta um comportamento passivo, e só com o tempo, o relacionamento tende a uma relação completa, onde se

prática a cunilíngua e a manipulação genital mútua, acredita-se que poucas mulheres costumam começar a se relacionar com o mesmo sexo a partir da vida adulta.

A consciência homossexual geralmente aflora da adolescência, com um misto de culpa e medo, pois geralmente o mundo apresenta essa forma de sexualidade de forma bastante preconceituosa, portanto, só quando entram em contato com organizações ou grupos homossexuais, essas pessoas se libertam dessas imagens negativas e começam a se integrar socialmente em ambientes homossexuais. O medo de se revelar homossexual tem sua origem nos preconceitos embutidos pela sociedade na própria coletividade o que faz com que muitas pessoas que apresentam comportamentos “desviantes” seja vistos como “anormais”. Seria por este motivo que durante a adolescência muitas pessoas apresentem comportamentos heterossexuais durante o dia e homossexuais durante a noite.

A homossexualidade tem sido de certa forma “relegada” pela igreja, pela lei, pelos meios de comunicação de massa e pela literatura científica. Muito embora, essa invisibilidade social tenha favorecido a alguns homossexuais a passarem publicamente por heterossexuais, essa verdade consolidou a dificuldade destes de se assumirem como homossexuais.

Por causa disso, a maioria dos homossexuais, vive um processo de revelar-se como homossexual e passar por heterossexual, a grande maioria dessas pessoas vive uma espécie de “vida dupla”, em uma faixa restrita assumem sua homossexualidade, enquanto em muitas circunstâncias preferem passar por heterossexuais para não sofrer discriminação.

Essa negação por trazer sentimentos como autonegação, desonestidade, solidão e sentimento de alienação de si mesma.

Por isso, acredito que é de fundamental importância o estudo da identidade homossexual, pois não é "correto" analisar o homoerotismo como característica essencial dessas pessoas, pois dessa forma o processo pelo qual esses sujeitos se identificam ou não como homossexuais, terá sido construído através do imaginário social que os mesmos convivem. Essa imagem criada socialmente, muitas vezes dá uma visão negativa dos homossexuais, contribuindo para que alguns desses indivíduos encontrem vínculos entre os estereótipos e sua vida. Quando homossexuais são abordadas em filmes, livros e até em novelas, geralmente são retratadas como pessoas infelizes e doentes, os finais geralmente são trágicos, e se são felizes geralmente ocorrem, por que estes encontraram amor com alguém do sexo oposto.

No entanto já existem alguns casos onde homossexuais são apresentados como pessoas bem resolvidas tanto em seus relacionamentos, quanto financeiramente, no entanto homossexuais assim ainda são poucos abordados.

II CAPÍTULO

2. OS DISCURSOS DOS ALUNOS E PROFESSORES SOBRE HOMOSSEXUALISMO.

“Os significados - aquilo que se diz que as coisas são - não são fixos, nem naturais, nem normais, nem lógicos. Natureza, normalidade e lógica são categorias inventadas no interior de uma “ordem do discurso” que as estabeleceu arbitrariamente segundo um regime ligado a sistema de poder, inscrito em uma ‘política gera’ da verdade”. (Michael Foucault 2000)¹².

Nesse capítulo tenho como objetivo discutir a análise das categorias que emergiram das narrativas dos adolescentes onde mostra que eles se apropriam de certos discursos protagonizados pelo social e esse discurso, por sua vez, acabam por surtir efeitos de “verdade” sobre esse jovens. Muitos dos discursos dos alunos sobre homossexualidade correspondem a visões quase sempre ligadas a identidade sexual.

¹² FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2000.

A pesquisa foi realizada em escolas¹³ diferentes a fim de que pudéssemos entender as relações de poder estabelecidas nas instituições perante seus alunos.

Fiz uma pesquisa com perguntas dirigidas aos alunos da Segunda Fase e do Ensino Médio na perspectiva de discutir e de refletir a respeito da homossexualidade como uma construção histórica correlacionando comportamentos, linguagens, crenças, identidades. Para isso torna-se necessário entender a pedagogia como um sistema em que se articulam práticas discursivas implicadas em relação de poder e de significação que, ao construir conhecimentos, desejos, valores, se encontram implicadas na construção das identidades/subjetividades. Nesse trabalho não tem sentido utilizarmos a noção de pedagogia no sentido tradicional, em que tem como intuito ensinar ao aluno conteúdos pré-estabelecidos.

É primordial que saibamos que as pedagogias enquanto formas de ensinar não se restringem ao âmbito escolar, ao contrário, é perceptível em todos os locais em que haja produção e intercâmbio de significados, onde essas produções de significados terminam fabricando pessoas, ou seja, para cada signo presume-se seu significado, subjetivado pela sociedade. Sendo assim, como um sistema de significações, todo o conhecimento está estreitamente vinculado com relações de poderes.

Nesse sentido, as práticas culturais, pedagogias, que ensinam tipos de pensamento e de ações em relação a si, aos outros e ao mundo não se limitam às instituições escolar e acadêmica e às práticas aí instituídas, mas se

¹³ As escolas forma: Escola Municipal de Ensino Fundamental Agropecuária Dr. Raimundo Asfora (Cuité) e Escola Petrônio Figueiredo (Campina Grande).

estendem as diferentes práticas – da mídia, as sexuais, as escolares, as familiares, etc. - que, ao produzir e compartilhar determinados significados, ensinam, configurando tipos particulares de identidades e de subjetividades.

Tomando como base o que foi exposto acima entendemos que a homossexualidade é algo construído historicamente em uma rede de relações de poderes. E é a partir desse pressuposto que pretendo analisar e discutir os discursos das professoras e dos alunos adiante mencionados.

Durante a pesquisa percebi que as professoras muitas vezes se utilizam de suas próprias experiências para falar do conteúdo abordado em sala de aula. Para mim isso só contribui para que os alunos subjetivem o seu conceito do que viria a ser homossexualismo. Essas práticas, ao possibilitar às professoras contarem suas histórias, as situações que aconteceram nas suas salas de aula envolvendo as questões da homossexualidade, e refletirem sobre tais experiências, podem tornar-se condição de possibilidade para a suspeita e a desestabilização das experiências passadas e, talvez, para a criação de outras.

No entanto, ao chamarmos a atenção para tal possibilidade das pedagogias vivenciadas pelas professoras no transcorrer da pesquisa, não lhes estamos atribuindo um poder totalizante, isto é, pressupondo que sejam capazes de abranger e de transformar a diversidade de elementos que configuram as práticas escolares.

A estratégia que utilizei para estudar as narrativas dos alunos e das professoras constituiu em perceber os discursos elaborados por ambos, na rede de enunciados que foi emergindo no transcorrer da pesquisa. Na medida em que as narrativas se encontram implicadas com práticas sociais e a rede de discursos em que estão inseridas, me parece que no transcorrer da observação percebi o interesse, principalmente, da professora em não deixar transparecer o preconceito que ela mesma apresentava nos seus discursos de suas práticas cotidianas.

Isso não quer dizer que todas as docentes quisessem burlar a minha pesquisa no seu sentido “real”, mas que é notável que o que ocorre dentro de uma sala de aula não passa de uma relação de poder, ou seja, de interesses.

Para a análise, utilizei as contribuições de Larrosa que discute a narrativa como uma modalidade discursiva em que as pessoas constroem os sentidos tanto de si quanto de suas experiências no processo de contar e ouvir histórias.

Para o autor, cada um de nós se encontra já imerso em estruturas narrativas que lhe preexistem e que organizam de um modo particular a experiência, que impõem um significado à experiência. Por isso, a história de nossas vidas depende do conjunto de histórias que temos ouvido, em relação às quais temos aprendido a construir a nossa. A narrativa não é lugar de irrupção da subjetividade, senão a modalidade discursiva que estabelece a posição do sujeito e das regras de sua construção em uma trama.

As narrativas produzidas pelas professoras com relação o homossexualismo nas suas salas de aula foram construídas e reconstruídas em relação a outros textos - da família, da igreja, da escola, da mídia, da medicina, da psicologia, da criança, entre outros. As narrativas das experiências de si,

“Não é algo que se produza em um solilóquio, em um diálogo íntimo do eu consigo mesmo, mas em um diálogo entre narrativas, entre textos”. (LARROSA, 1994, 70.)¹⁴

Num primeiro instante da pesquisa me pus a observar como os alunos e as professoras se portavam dentro de sala de aula abordando os diversos assuntos, com o intuito de me familiarizar como a docente se utilizava do seu discurso para “persuadir” os alunos.

Num segundo momento apliquei um questionário com as professoras e com os alunos sobre homossexualidade, com o objetivo de tentar observar o impacto que a pesquisa causaria, de imediato, nas turmas.

¹⁴ LARROSA, Jorge. "Tecnologias do eu e educação". In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Por último pedi às professoras que conversassem com seus alunos sobre o assunto para que eu pudesse perceber como acontecia essa relação de poder dentro da sala de aula.

2.1 ANÁLISE DOS DISCURSOS NAS ESCOLAS.

Nas escolas foram analisados alunos entre 13 e 19 anos, com intuito de perceber como são construídas historicamente seu “conceito” sobre a homossexualidade.

Em relação à opinião dos entrevistados sobre a homossexualidade, um grande número afirma que é uma opção sexual.

Do final do século XX até hoje temos assistido mudanças consideráveis com relação à homossexualidade. Os meios de comunicação, as instituições, a literatura vem tentando fazer com que a homossexualidade não seja mais vista como algo anormal, como distúrbio mental, ou mesmo biológico.

Mas é importante ressaltar que devemos ter cuidado como vem sendo abordado esse tema, pois os discursos da Modernidade estão recheados de locução de tolerância e aceitação, de respeito ao “outro”. Partindo do pressuposto de uma convivência amigável podemos perceber que essa perspectiva termina mascarando, com véus democráticos, os preconceitos tão presentes nas entrelinhas dos seus discursos, vendo o “outro” como alguém a tolerar.

Se esse é o caso dos entrevistados abaixo não é tão claro, pois os alunos apenas responderam que a homossexualidade é uma opção sexual, uma escolha, uma maneira de vida.

“Para mim, na minha opinião o homossexualismo é uma maneira de vida. Foi ele quem escolheu ser um homossexual.” (CCTS)

“Eu acho, na minha opinião que o homossexualismo é para quem quer ser isso mesmo, se a pessoa quer ser homossexual é da escolha dele.” (JG)

Percebemos durante a pesquisa como os entrevistados são influenciados pelo conceito binarista de normalidade e anormalidade. A Modernidade se apoderou desse conceito para denominar a normalidade como aquela norma de conduta a ser seguida, já a anormalidade como aquela norma de conduta a ser disciplinada, pois estes comportamentos são vistos pela sociedade como procedimentos que podem causar a desordem. A anormalidade (o marginal, o louco, o homossexual...) são tidos como comportamentos culturais negativos o que torna claro a da superioridade do “eu” sobre “outro”.

Sobre a discussão científica e social acerca da normalidade ou anormalidade da sexualidade humana o filósofo francês Michael Foucault¹⁵ afirma que a sexualidade humana, através da história, esteve sob a suposta ameaça de ser dominada por processos patológicos, o que teria levado as ciências e a religião a intervir, atuando tanto a nível de prevenção como de cura e normalização. Dentro deste processo a igreja católica, as ciências médicas e a sexologia definiram a homossexualidade como uma patologia, um desvio da conduta sexual normal, buscando deste modo mudá-la para a heterossexualidade dominante.

Foucault afirma¹⁶, que o poder social estabeleceu e ainda estabelece os limites entre o normal e o patológico, o racional e o irracional, assim como do sano e o insano, seria um poder normalizador, que exclui o que não se enquadra dentro dos parâmetros formais de normalidade. Este poder social/normalizador teria suas bases no complexo saber/poder, ou seja, um vínculo direto entre o saber e o poder, em uma relação que potencializa o saber na sua busca da normalidade, e que esta normalidade seria uma ferramenta de dominação. Segundo Foucault, devido a este poder normalizador/dominador podemos observar através do tempo como as pessoas foram (e continuam sendo) julgadas, classificadas, condenadas, obrigadas a viver de um certo modo e até a morrer por não desistir de suas convicções.

¹⁵FOUCAULT, Michel História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

¹⁶FOUCAULT, Michel História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

*“O homossexual acima de tudo é uma pessoa
'normal'(grifo nosso) igual a todos nós.” (J).*

*“O homossexual é visto como uma coisa
'anormal (grifo nosso)'.” (S).*

*“É normal (grifo nosso), no entanto cada um
tem seu querer, sua personalidade, desde que
sejam honestos e dignos.” (M).*

*“Duas pessoa do mesmo sexo que se
relacionam como pessoas normais (grifo
nosso), ou seja, se atraem por sexos opostos”
(14ANOS).*

Os estudos sobre o gênero durante longo tempo viram a heterossexualidade como uma realidade dada, natural, sem questionamento, ligada ao sexo biológico, enquanto que o gênero, o papel social era concebido como construto social e organização primária das relações humanas. Seria preciso, entretanto, levar o raciocínio às suas últimas consequências pensando igualmente o sexo biológico como fazendo parte de uma representação social. Com efeito, o “natural” do sexo biológico reside sobretudo na possibilidade de

procriação e esta perspectiva está na ordem de valores, da moral, logo, construída social e historicamente, em uma rede de sentidos que faz circular as normas datadas como sendo verdades universais, “naturais”.

*“É uma coisa que **já nasce dentro da pessoa (grifo nosso)** que é homossexual, ela só tem que escolher.” (16ANOS).*

Apreendemos também que os entrevistados acreditam que os homossexuais são vítimas, constantes de preconceitos. De nada nos surpreende esse olhar dos alunos, já que, bem sabemos que esse preconceito é preconizado historicamente na sociedade. A partir do momento em que um ser humano dar a luz a uma criança ela passa a ser influenciada pelos discursos que a rodeia. As instituições contribuem para essa formação de identidades negativas e positivas que são cristalizadas ao longo do tempo. Nesse caso específico o homossexualismo, embora venha adquirindo o seu espaço, ainda é muito presente o preconceito aberto e mascarado dentro das sociedades. Ainda percebemos que os valores morais difundidos ainda estão muito imbricados em preceitos cristãos.

*“Os homossexuais são vítimas de grande **preconceito (grifo nosso)** e são muito discriminados na sociedade, mas cabe a cada*

um de nós entendermos que cada um tem uma opção de escolha diferente.” (S).

*“A maioria das pessoas tem **preconceitos (grifo nosso)** com os homossexuais, mas essa discriminação é um crime, cada um tem sua opção de vida, cada um de nós tem que aceitar as escolhas dos outros.” (J).*

*“Como nós temos nosso jeito e nosso gosto, e direito de se apaixonar, eles também têm. O mesmo direito, são seres humanos igual aos outros. Só porque eles têm o gosto diferente porque gosta de outros homens não devemos **discriminá-los (grifo nosso)**.” (M).*

Quanto à homossexualidade enquanto uma essência ainda encontramos entrevistados que acreditam que os homossexuais já nascem assim. Esse pensamento acerca da homossexualidade foi muito difundido pelas Teorias Biológicas, cuja homossexualidade era associada aos genes, aos hormônios sexuais, como também a um erro genético ou um desequilíbrio endócrino. Embora essa teoria tenha tido vários adeptos é delicado afirmar que a homossexualidade provém de fatores biológicos, já que, os discursos

elaborados de homem/mulher, homossexual/heterossexual foram sendo construídos socialmente.

*“Acho que pessoas desse tipo **já nascem com esse destino (grifo nosso)**, e com o pensamento de fazerem coisas que as mulheres fazem.” (LA).*

Em relação à opinião dos entrevistados sobre a homossexualidade, uma grande parte afirma que são pessoas que estão fora dos padrões da sociedade, que é uma escolha errada porque o homem foi feito para a mulher e vice-versa, são indivíduos com comportamentos feios e estranhos.

Constantemente o estranho e o outro são abocanhados vorazmente pela norma, constituído como esse outro a ser normalizado e esse estranho a ser familiarizado. No território da norma, não há espaço para o selvagem, para aquele ou aquilo que não conhecemos, para o que fica na exterioridade. Os saberes que se instituem com a modernidade, estabelecem-se nessa busca do exterior para colocar tudo na ordem, onde cada coisa ocupa seu justo lugar.

Na sociedade moderna e, então, normativa, tudo o que é externo, tudo o que está fora do lugar incomoda, daí, a necessidade constante de estar ordenando e normalizando.

*“O homossexualismo para mim é uma pessoa que gosta de uma pessoa do mesmo sexo. Eu acho muito **estranho (grifo nosso)**, porque isto está fora dos padrões da sociedade” (17 ANOS).*

Esse pensamento tão difundido pelo discurso moderno de respeito pressupõe o conceito de tolerar. Literalmente falando, tolerar significa “suportar com indulgência; aceitar, demonstrar capacidade de suportar, de assimilar” (Houaiss, 2001)¹⁷. Portanto tolerar é aquele que suporta alguém, que é capaz de admitir, nos outros maneiras de pensar, de agir e de sentir diferentes as suas. No entanto, a ação de tolerar coloca o tolerante numa posição simétrica de poder, ou seja, permite que ele demarque uma separação que não significa simplesmente uma distancia, mas uma diferença nas relações de poder. Aquele que suporta que tolera o outro é o mesmo que o hospeda que o recebe; portanto é aquele que pode depreciá-lo, julgá-lo, aceita-lo ou não.

Como parte de um jogo discursivo, implicada em relação de poder, a tolerância torna débil as diferenças discursivas e mascara as desigualdade, e ao mesmo tempo em que nos exime de tomar decisões e responsabilizarmos por ela. É nesse sentido que o sentimento de tolerar o outro e de aceitar sua diversidade é naturalizado, há uma espécie de “indiferença frente ao

¹⁷ HOUAISS. *Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

estranho e excessiva comodidade frente ao familiar” (Duschatzky e Skliar, 2001)¹⁸.

*“Homossexualismo são pessoas que gostam de pessoas do mesmo sexo. Acho uma coisa feia, mas temos que **respeitá-los (grifo nosso)**”*
(16ANOS).

Nesses depoimentos é muito presente o discurso religioso que se apresenta de uma forma bastante forte na nossa sociedade. Os livros sagrados são grandes fontes de disseminação desse pensamento acerca da homossexualidade. Embora muitos desses entrevistados não tenham sequer um dia lido uma dessas fontes, mas provavelmente, alguém de sua família sim, e isso contribui para a proliferação dos ensinamentos desses livros. A família cria seus filhos mostrando os caminhos certos e os errados a serem seguidos. Nesse caso muitos são ensinados que o homem foi criado para a mulher para a disseminação da espécie, dessa forma subentende-se que seria “errado” a união entre pessoas do mesmo sexo.

No Novo Testamento e no Velho Testamento a prática da homossexualidade, segundo seus ensinamentos, deveria ser punida com a morte. Como já foi citado no presente trabalho, na Epístola dos Efésios, afirma que o assunto homossexualismo nem deveria ser comentado.

¹⁸ DUSCHATZKY, Silvia e SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge e SKILIAR, Carlos (Orgs.). Habitantes de babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autentica, 2001, p. 119-138.

*“Para mim o homossexualismo é um dos maiores **pecados (grifo nosso)** que existem porque quem pratica este ato está contrariando a vontade de Deus.” (16ANOS).*

*“Eu acho errado, pois isto está **contra as leis de Deus (grifo nosso)**, não é da vontade dele que homem se relacione com homem ou mulher com mulher, e sim homem com mulher” (15ANOS).*

*“Minha única opinião é de acordo com a **bíblia (grifo nosso)**, na qual condena o homossexualismo.” (16ANOS).*

Alguns alunos afirmaram que homossexualismo é um distúrbio mental, uma fraqueza.

Assim como a heterossexualidade, a homossexualidade é um “estado mental”. Não há nenhuma doença ou desvio de comportamento ou perversão, como foi muito difundido pela psiquiatria no século XIX. Mas não é raro encontrar pessoa que insistam nisso mesmo no meio dos profissionais de saúde.

Em dezembro de 1973 - a APA (Associação Psiquiátrica Americana), propõe e aprova a retirada da homossexualidade da lista de transtornos mentais (passa a não ser mais considerada uma doença).

Em 1985 o Conselho Federal de Medicina do Brasil (CFM) retira a homossexualidade da condição de desvio sexual.

Nos anos 90 – o Manual Diagnóstico e Estatístico de transtornos Mentais (DSM-IV) onde são identificados por códigos todos os distúrbios mentais, que serve de orientador para a classe médica, principalmente, para os psiquiatras, também retirou a homossexualidade da condição de distúrbio mental.

Em 1993 – a Organização Mundial da Saúde (OMS) retira o termo “homossexualidade” (que da idéia de doença) e adota o termo homossexualismo.

O Conselho Federal de Psicologia (CPF) divulgou nacionalmente uma resolução que estabelece normas para que os psicólogos contribuam, através de sua prática profissional, para acabar com a discriminação em relação à orientação sexual.

É importante lembrar que sob o ponto de vista legal, a homossexualidade não é classificada como doença no Brasil. Sendo assim, os psicólogos não devem colaborar com eventos e serviços que se proponham ao tratamento e cura de homossexuais. Quando procurados por homossexuais ou seus responsáveis para tratamento, os psicólogos não devem recusar o atendimento, mas sim para aproveitar o momento para esclarecer que não se trata de uma doença, muito menos de desordem mental. Como foi muito

difundido esse (pre)conceito sobre a homossexualidade, ainda encontramos suas influências tanto na sociedade como também nas ciências da saúde.

*“Acredito que seja um **distúrbio na mente (grifo nosso)**, para você ter atração pelo mesmo sexo”
(17ANOS).*

*“É alguma fraqueza ou momento de fraqueza em uma parte da nossa vida, ou algum **distúrbio mental (grifo nosso)** ou até uma pura safadeza”
(17ANOS).*

*“Eu não tenho nada contra, mas também nada a favor, mas acho que o certo é homem e mulher, até porque está na **anatomia (grifo nosso)**”
(15ANOS).*

Percebi, com as narrativas das professoras, como as escolas integram o processo de construção das identidades sexuais, especialmente no caso masculino, em que os comportamentos anormais, aqueles que fogem aos padrões instituídos como hegemônicos para cada gênero, foram utilizados

como marcadores para o masculino. Nota-se que as professoras utilizam-se de diferentes estratégias (conversas com os pais, diretoria e alunos) para trazer os corpos “desviantes” para a “normalidade”, enquadrando-os dentro dos padrões masculino e heterossexual.

Essas narrativas tornam visível o funcionamento de diversos atributos sociais definidores de masculinidade e feminilidade (comportamentos, falas, gestos, condutas e posturas), que ao serem instituídos nos corpos, passam a ser considerados como produtos da essência do homem e da mulher. Nos processos sociais do cotidiano, são naturalmente atribuídas às mulheres os gestos delicados, a forma de se sentar, a graça, o pudor, o trato com as crianças e com os assuntos domésticos, a afetividade, a timidez, por exemplo; em contrapartida, aos homens cabem os gestos e as falas fortes, a maior aptidão física, a extroversão, a pouca demonstração de afeto e delicadeza e a proibição de chorar. Dentro da escola também percebemos alguns desses elementos sociais, por exemplo, quando as filas, os grupos de trabalho as atividades físicas e as brincadeiras são separadas por sexo, e ainda quando são estabelecidas determinadas maneiras para sentar e se portar em sala de aula para menino ou menina.

Durante todo o processo da minha pesquisa percebi que as identidades se inscrevem nas diferenças, isto é, marcam-se os “outros” sujeitos, que são nomeados pela referência de normalidade de masculino e feminino.

Quando nos deparamos com pessoas que são chamadas de “bichinhas” e afeminadas” devido ao seu comportamento de brincar com meninas, de beijar e abraçar outro menino, esses sujeitos não se enquadram

no discurso de atitudes adequadas para a masculinidade, tidas como normais. A normalização através da comparação, da hierarquização, da diferenciação, da homogeneização, da exclusão produz um padrão que define o normal.

Podemos perceber como ocorre a construção da identidade sexual através das classificações dos alunos como homossexuais/heterossexuais, femininos/masculinos, normais/anormais, ordenando as relações de identidade e diferença a partir de oposições binárias que fixam as identidades de gênero e sexuais. Louro¹⁹ chama a atenção para o fato da escola ensinar apenas uma forma de sexualidade, a "normal", e construir seus discursos e argumentações em "pares opostos: masculino/feminino; heterossexual/homossexual; normal/anormal; saudável/doente; público/privado; decente/indecente; moral/imoral... Nesses conjuntos, a primazia é dada ao primeiro elemento do par, o qual constitui a referência e o padrão e do qual o outro elemento é derivado".

Segundo Silva²⁰, tanto a identidade quanto a diferença são construções produzidas no contexto das relações sociais e culturais e, portanto, sujeitas a relações de poder.

¹⁹ LOURO, Guacira Lopes. "Sexualidade: lições da escola". In: MEYER, Dagmar (Org.). *Saúde e sexualidade na escola*. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 85-96.

²⁰ SILVA, Tomaz Tadeu. "A produção social da identidade e da diferença". In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

“Podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir ('estes pertencem, aqueles não'); demarcar fronteiras ('nós e eles'); classificar ('bons e maus'; 'puros e impuros'; 'desenvolvidos e primitivos'; 'racionais e irracionais'); normalizar ('nós somos normais; eles são anormais')”. (SILVA, 2000)²¹.

Nesse sentido, as situações que ocorrem dentro de sala de aula nos levaram a pensar que, no espaço escolar, a sexualidade integrou e fez funcionar diversas estratégias que ressignificaram, (re)produziram e regularam as identidades sexuais. Entre as estratégias, atuaram: os conteúdos escolares, em que o corpo só pode ser visto, falado e explicado através do discurso biológico; as micropenalidades, os encaminhamentos, as conversas, as transferências; a marcação do normal em relação ao sexo e à idade; as pequenas coerções, como as denúncias, por exemplo.

²¹ SILVA, Tomaz Tadeu. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000 p 81-82.

III CAPÍTULO

3. DEBATENDO A HOMOSSEXUALIDADE NO ÂMBITO EDUCACIONAL.

3.1 (RE) PENSANDO A HOMOSSEXUALIDADE.

Nos últimos anos a homossexualidade vem sendo descrita, compreendida, explicada, regulada, saneada, educada, normatizada, a partir das mais diversas perspectivas. Se, nos dias de hoje, ela continua alvo da vigilância e do controle, agora se ampliaram e diversificaram-se suas formas de regulação, multiplicaram-se as instâncias e as instituições que se autorizam a ditar-lhe as normas, a definir-lhe os padrões de pureza, sanidade ou insanidade, a delimitar-lhe os saberes e as práticas pertinentes. Juntamente com a igreja, o Estado ou mesmo a ciência vem surgindo outros campos (os meios de comunicação, a escola, a “sociedade”) que contribui ainda mais para essas políticas normatizadoras.

Temos presenciados inúmeros discursos sobre a homossexualidade, pronunciados pela igreja, pela psiquiatria, pela sexologia, pelo direito. Empenham-se em descrever esses discursos e seus efeitos, analisando não apenas como, através deles, se produziram e se multiplicaram as classificações sobre as “espécies”, mas também como se ampliaram os modos de controlá-la. Tal processo tornou possível, devido aos discursos produzidos a partir do lugar que tinha sido apontado como a sede da perversidade, como o lugar do desvio e da patologia. Esses discursos que se refere aos corpos ou ao sexo não fazem apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, “faz” aquilo que nomeia, isto é, produz os sujeitos. Esse é um processo constringido e limitado desde seu início, pois o sujeito não decide sobre o sexo que irá ou não assumir; na verdade, as normas regulatórias de uma sociedade abrem possibilidades que ele assume, apropria e materializa. Ainda que essas normas reiterem sempre, de forma compulsória, a heterossexualidade, paradoxalmente, elas também dão espaço para a produção dos corpos que a elas não se ajustam. Esses serão constituídos como sujeitos que escapam a norma.

Embora sejam muito fortes esses discursos reguladores estamos presenciando um ato bastante ousado de homens e mulheres que vem questionando a sexualidade legitimada e se arriscando a toda forma de violência e rejeição social para não mais serem apontados como tais.

Como já foi a bordado no presente trabalho sobre o binarismo (este é um pensamento que elege e fixa como fundante ou como central uma idéia, uma entidade ou um sujeito, determinando, a partir desse lugar, a posição do

“outro”, o seu oposto subordinado. O termo inicial é sempre compreendido como superior enquanto que o outro é o seu derivado, inferior) nos cabe agora enfocar que se os discursos partissem da premissa da desconstrução desse termo binarismo presenciariamos a interdependência e a fragmentação do “eu” e do “outro”. Tentando enfocar que cada um contém um pouco do outro e que são, em si mesmo, fragmentado e plural.

Uma abordagem desconstrutiva permitiria compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referências. A afirmação da identidade implica sempre a demarcação e a negação do seu oposto, que é constituído como sua diferença. Esse “outro” permanece, contudo, indispensável. Numa ótica desconstrutiva, seria demonstrada a mútua implicação/constituição dos opostos e se passaria a questionar os processos pelos quais uma forma de sexualidade (a heterossexualidade) acabou por se tornar a norma, ou, mais do que isso, passou a ser concebida como “natural”.

3.2 ARTICULANDO A HOMOSSEXUALIDADE COM A EDUCAÇÃO.

Atualmente faz parte do cenário educacional a problematização do tema inclusão/exclusão social com propósito de propor uma escola que possa acolher a todos em suas singularidades, sejam elas políticas, psicológicas, sócias... Essa busca por novos discursos que possam dar conta da singularidade, de um lado, e de suas contradições, de outro, é que tem emergido as discussões sobre as diferenças e as igualdades. Na verdade essa nova abordagem só termina por reafirmar uma política de regulação social.

O multiculturalismo tem invadido os discursos, atuais, no âmbito educacional, partindo de um conceito de respeito ao “outro” e da integração do mesmo ao meio social sem distinções. Com esse novo paradigma lidamos com políticas de regulamentação implícita que está tão presente nos discursos culturais de convivência pacífica e de tolerância com o “outro”, o diferente. Acreditamos que esse tipo de discurso só termina reafirmando as políticas de identidades que discriminam e excluem. Muitas vezes não nos damos conta que essas práticas de produção de identidades nada mais é do que uma relação de poder que emerge para definir quem é excluído e quem é incluído. Não pensamos a partir desse lugar, pois entendemos que o interessante para as escolas adotarem, como ensino, é uma política que

questione essas identidades que são produzidas com significados certos para a manutenção da relação de poder.

O principal intuito, do presente capítulo, é tentar buscar formas de articular a homossexualidade com a educação a partir de um lugar que é visto tradicionalmente como o espaço da normalização e do ajustamento (escola).

O primeiro passo que acredito ser importante é não elencar a homossexualidade como diferente, nem a heterossexualidade como “quadrado” e “normal”. O interessante é não se restringir a identidade e ao conhecimento da sexualidade, mas que se estenda o conhecimento e a identidade de modo geral. É importante que se questione, problematize, conteste, todas as formas bem-comportadas de conhecimentos e de identidades.

As escolas deveriam adotar práticas pedagógicas e currículos que se distinguiriam de programas multiculturais bem intencionados, onde as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas. Uma pedagogia e um currículo que estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocar em discussão as formas como o “outro” é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do “eu” com o “outro”. A diferença deixaria de está lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria dentro, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito. Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se

prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, dos conflitos e das negociações constitutivos das posições que os sujeitos ocupam.

Os conceitos elaborados e disseminados, elencados na binaridade de heterossexual/homossexual, seriam questionados. Seria analisada a mútua dependência entre o “eu” e o “outro”, sendo colocadas em xeque a naturalização e a superioridade da heterossexualidade. Uma pedagogia e um currículo na qual não seria suficiente denunciar a negação e o submetimento dos homossexuais, e sim desconstruir o processo pelo quais alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados. Tornar evidente a “normalidade” da heterossexualidade, demonstrando o quanto é necessária a constante reiteração das normas sociais regulatórias a fim de garantir a identidade sexual legitimada. Analisar as estratégias públicas e privadas, dramáticas ou discretas que são mobilizadas, coletiva e individualmente, para vencer o medo e a atração das identidades desviantes e para recuperar uma suposta estabilidade no interior da identidade-padrão.

Problematizar, também, as estratégias normalizadoras que, no quadro de outras identidades sexuais (e também no contexto de outros grupos identitários, como os de raça, nacionalidade ou classe), pretendem ditar e restringir as formas de viver e de ser. Pôr em questão as classificações e os enquadramentos. Transferir a outros âmbitos esse mecanismo desconstrutivo, perturbando até mesmo o mais caro binarismo do campo educacional, aquele que opõe o conhecimento à ignorância. Problematizando, que a ignorância não

é "neutra", nem é um "estado original", mas, em vez disso, que ela é um efeito não uma ausência de conhecimento. Admitir que a ignorância pode ser compreendida como sendo produzida por um tipo particular de conhecimento ou produzida por um modo de conhecer. Assim, a ignorância da homossexualidade poderia ser lida como sendo constitutiva de um modo particular de conhecer a sexualidade. O velho dualismo binário da ignorância e do conhecimento não pode lidar com o fato de que qualquer conhecimento já contém suas próprias ignorâncias. Se, por exemplo, os jovens e os educadores são ignorantes sobre a homossexualidade, é quase certo que eles também sabem pouco sobre a heterossexualidade.

Aprecio uma pedagogia que sugere o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias criativas para pensar qualquer dimensão da existência. A dúvida deixa de ser desconfortável e nociva para se tornar estimulante e produtiva. As questões insolúveis não cessam as discussões, mas, em vez disso, sugerem a busca de outras perspectivas, incitam a formulação de outras perguntas, provocam o posicionamento a partir de outro lugar. Certamente, essas estratégias também acabam por contribuir na produção de um determinado "tipo" de sujeito. Mas, neste caso, longe de pretender atingir, finalmente, um modelo ideal, um sujeito e uma pedagogia que assumem seu caráter intencionalmente inconcluso e incompleto.

Percebemos com o que já foi discutido que essa é uma pedagogia bastante arriscada, e talvez seja mesmo, mas pelo menos ela faz com que os alunos e os próprios educadores comecem a (re)pensar e articular a homossexualidade nas diversas situações.

CONCLUSÃO

A homossexualidade embora seja ainda encarada por muitas pessoas como uma perversão, há muito saiu das teorias e tornou-se uma realidade que mais e mais vêm se tornando visível.

Apesar do assunto ainda ser velado e cercado de preconceitos, podemos afirmar que o tema aparece com mais facilidade atualmente, dessa forma, pode ser que ele se introjete e apague de certa forma com o preconceito que ainda é muito forte e presente atualmente.

A ausência de debates sobre o universo homossexual é cúmplice do preconceito, é preciso formar uma nova sociedade, que discuta como os discursos se apoderaram de conceitos para legitimar como cada indivíduo deve agir. Devemos fazer com que as instituições que são “responsáveis” por essa produção de sujeitos passem a problematizar com a sociedade para que se possa não mais cair na esparrela de fazer uso da lógica Ocidental binarista.

Nesse caso acreditamos que a escola tem um papel importante. O colégio como aquela instituição que “educa” deveria começar a trabalhar não política de inclusão social, mas sim, fazer com que seu alunos passem a questionar como essa identidades são construídas ao longo da história.

Infelizmente essa proposta pedagógica e curricular ainda é engavetada. A maioria das propostas curriculares, atualmente, se baseia nos discursos culturais, como já citei acima, que nada mais é do que uma forma mascarada de excluir aqueles que já o são.

Durante minha pesquisa nas escolas percebi que poucas delas se utilizam dessa nova política pedagógica determinada pelo governo federal, ainda é muito presente nos discursos dos alunos e dos professores as características das identidades construídas pelas instituições, principalmente, a familiar a religiosa e a escolar que possuem um poder de persuasão muito forte. São essas instituições que acompanham o crescimento das crianças e que “ensinam” os (pre)conceitos estabelecidos.

Minhas inquietações quanto a esses tipos de comportamento me fizeram tomar uma postura e começar a questionar como as escolas juntamente com quem a compõem contribuem para a disseminação desses preconceitos com relação ao “diferente”, principalmente, o homossexual.

Foi com a produção desta que percebi como os discursos são fortes na produção dos sujeitos. Como as subjetivações dos comportamentos são transmitidos de uma maneira tão natural. Nas escolas, por exemplo, as meninas andam apenas com meninas, e os meninos apenas com meninos; existe brincadeira determinada para meninos e meninas, os gestos delicados que só é permitido para as meninas e a voz grossa para os meninos, entre

muitos outros. Para aqueles que não tem esses comportamentos estabelecidos são apelidados pelos amigos, são motivos de chacota.

Foi por presenciar esse tipo de comportamento que resolvi escrever o presente trabalho como uma forma de aquietar minhas frustrações com relação a tais atitudes de professores e alunos. Dessa maneira pesquisei, inquietantemente, formas que fizessem com que os professores começassem a se questionar e fazer com que os seus alunos se questionassem o porquê das atitudes que estavam presentes dentro de sala de aula com relação ao que eles determinavam de “diferente”. Esse foi o que tentei propor no terceiro capítulo como uma tentativa de quebrar com barreiras impostas pelas relações de poder instituídas nos discursos.

REFERÊNCIA

CHAUI, Marilena. *Repressão sexual – essa nossa desconhecida*. São Paulo : Brasiliense, 1984.

DANIEL, Marc, BAUDRY, André. *Os homossexuais*. Rio de Janeiro : Artenova, 1973.

DUSCHATZKY, Silvia e SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge e SKILIAR, Carlos (Orgs.). *Habitantes de babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autentica, 2001, p. 119-138.

FERRE, Nuria Pérez de Lara. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. In: LARROSA, Jorge e SKILIAR, Carlos (Orgs.). *Habitantes de babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autentica, 2001, p. 195-215.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____ *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____ História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____ Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1987.

HITE, Shere. *O relatório hite*. 15ª Edição. São Paulo : Difusão , 1983.

LARROSA, Jorge. "Tecnologias do eu e educação". In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. "Sexualidade: lições da escola". In: MEYER, Dagmar (Org.). *Saúde e sexualidade na escola*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

NETO, Alfredo Veiga. Incluir para excluir. In: Jorge e SKILIAR, Carlos (Orgs.). *Habitantes de babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autentica, 2001, p. 105-118.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: impertinências. In: *Educação e Sociedade*. Campinas, 2002.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SKLIAR, Carlos B. A invenção e a exclusão da alteridade "deficiente" a partir dos significados da normalidade. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre 1999.